

O EDITOR DE LIVROS E A PROMOÇÃO DA CULTURA LUSÓFONA a trajetória de Francisco Alves (1848-1917)

THE EDITOR OF BOOKS AND THE PROMOTION OF LUSOPHONE CULTURE
the trajectory of Francisco Alves (1848-1917)

Aníbal Bragança *

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (NITERÓI – RIO DE JANEIRO)

anibalbraganca@gmail.com

Resumo:

A Livraria Clássica, fundada em 1854, no Rio de Janeiro, pelo português Nicolau António Alves, veio a tornar-se, meio século depois, a maior editora brasileira. Francisco Alves de Oliveira, sobrinho do fundador, chegou ao Brasil em 1863, com 15 anos incompletos. Tio e sobrinho faziam parte de um processo de emigração que levou milhares de jovens minhotos alfabetizados a deixarem sua pátria. Em 1897, Francisco Alves tornou-se proprietário da Clássica, que passou a denominar-se Livraria Francisco Alves. Com uma sólida posição no país, Francisco Alves expandiu seus negócios para a Europa. Adquiriu em Portugal o controle das editoras “Biblioteca de Instrução Profissional” e a “A Editora”, sucessora da David Corazzi. Em 1907, ao assumir parte da editora francesa Aillaud, associou-se a Júlio Monteiro Aillaud. Ambos, a seguir, adquiriram a Livraria Bertrand, de Lisboa. Francisco Alves tornou-se conhecido como “Rei do Livro”. Faleceu em 1917. Legou sua fortuna à Academia Brasileira de Letras.

Palavras-chave: Lusofonia; história do livro; história editorial; Brasil; Portugal.

* Mestre e doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Professor Associado da Universidade Federal Fluminense (Niterói-RJ). Nascido em Portugal, vive no Brasil desde 1956. Coordena o Núcleo de Pesquisa Livro e História Editorial, na UFF, tendo organizado o I e o II Seminário Brasileiro Livro e História Editorial (Lihed). Foi Secretário Municipal de Cultura de Niterói, Diretor Científico da Intercom, Coordenador-geral de Pesquisa e Editoração da Fundação Biblioteca Nacional. É sócio benemérito do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, sócio do Pen Clube do Brasil e membro da Academia Niteroiense de Letras. Autor de *Livraria Ideal, do cordel à bibliofilia*, 2009, e coorganizador de *Impresso no Brasil*, 2010, Prêmio Jabuti de melhor livro do ano na área de Comunicação, em 2011.

Abstract:

The “Livraria Clássica”, founded in 1854, in Rio de Janeiro, by the Portuguese Nicolau António Alves, came to become, half a century later, the Brazil’s largest publishing house. Francisco Alves de Oliveira, nephew of the founder, came to Brazil in 1863, aged 15 years. Uncle and nephew were part of a process of emigration that led thousands of literate young persons from Minho’s Province to leave their homeland. In 1897, Francisco Alves became the owner of the “Livraria Clássica” that has become the “Livraria Francisco Alves”. With a solid position in the country, Francisco Alves expanded their business to Europe. In Portugal he acquired the control of publishing houses “Biblioteca de Instrução Profissional” and “A Editora” (the successor of the “David Corazzi”). In 1907, he acquires part of the French label Aillaud and becomes an associate of Julio Monteiro Aillaud. Then, they both acquired the “Livraria Bertrand”, in Lisbon. Francisco Alves became known as “King of the Book.” He died in 1917. He bequeathed his fortune to the “Academia Brasileira de Letras”.

Keywords: History of the book; publishing history; Brazil; Portugal; Lusophone culture



A presença de livreiros franceses no mercado do livro lusófono se verifica desde antes do terremoto de Lisboa, conforme as pesquisas desenvolvidas, dentre outros, por Fernando Guedes e Manuela Domingos, esta, autora de vários estudos sobre os Bertrand e sua livraria fundada em 1732 na capital portuguesa. Pesquisadores brasileiros, como Tânia Bessone (2002) e Lúcia Bastos (1993), registraram terem essa mesma origem os primeiros livreiros especializados que se instalaram no Rio de Janeiro na última década do século XVIII, alguns vinculados por laços familiares com os patrícios que desenvolviam seus negócios em Lisboa, como Paulo Martin¹. Mas foi somente no século XIX, quando Paris era “considerada a capital mundial das artes e das letras” (Cooper-Richet, 2009: 540), que a cultura francófona tornou-se mais presente no estrangeiro e seus livreiros, diretamente ou por associações, ampliaram seus negócios no exterior.

1 Ver também: Abreu (2010: 52ss).

Nesse contexto de negócios e trocas interculturais lusófonas se inseriram as trajetórias de Júlio Monteiro Aillaud, luso-francês, e de Francisco Alves de Oliveira, luso-brasileiro, livreiros-editores que marcaram profundamente a história do livro em Portugal e no Brasil, respectivamente, e que, como sócios, desenvolveram atividades durante cerca de dez anos, no início do século XX, em Lisboa, em Paris e no Rio de Janeiro.

Júlio Monteiro Aillaud é descendente, provavelmente bisneto, de Jean-Pierre Aillaud, de Monestier de Briançon, livreiro que se instalou com loja em Coimbra, em 1772, após uma breve experiência em Lisboa, como sócio de João Baptista Reycend, iniciada no ano anterior (Guedes, 1987: 42n; Domingos, 2000: 105-107). A livraria coimbrã prosperou. Com o falecimento do fundador passou à sua filha Maria Cecília. Um incêndio a destruiu em 1821 (Curto *et al.*, 2007: 120). O filho mais novo de Jean-Pierre Aillaud, homônimo do pai, instalou-se como livreiro em Paris, com a firma J.-P. Aillaud, em 1806².

A livraria, cuja firma teve várias denominações, refletindo sua composição societária no período – como Guillard e Aillaud, Va. J.-P. Aillaud, Guillard e Ca., Va. Jean-Pierre Aillaud-Monlon, Aillaud & Cie. – se apresentou também como Libraire Etrangère et Française de Jean Pierre Aillaud (Cooper-Richet, 2009: 543), Livraria Portuguesa de J. P. Aillaud (1838) e Ancienne Libraire Aillaud (1912). Não se pesquisaram ainda suas publicações em francês, mas sabemos que seu primeiro lançamento em língua portuguesa foi a reedição de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, em 1823 (Ramos, 1972: 60).

O levantamento feito pelo pesquisador Vítor Ramos registra que, sem contar os 33 periódicos publicados em português, somam 530 obras (livros e alguns folhetos) as edições lusófonas feitas em França na primeira metade do século XIX. Dessas, noventa e oito foram editadas por J.-P. Aillaud³, às quais se podem acrescentar onze reedições feitas no período. Partindo de 1823 até 1830, foram lançadas nove edições e uma reedição; no período de 1831 a 1840 fizeram-se cinquenta e nove lançamentos, com mais dez

2 Cf. o *Catálogo das Livrarias Aillaud e Bertrand*, de 1914, que indica a data de fundação da livraria parisiense.

3 Cooper-Richet (2009) anota apenas cinquenta e duas edições.

reedições, ritmo que se reduziu no último período, de 1841 a 1850, quando somaram trinta lançamentos.

O interesse no mercado brasileiro revelou-se cedo e levou a Aillaud, em associação com outra editora francesa, Bossange, também voltada para a publicação em língua portuguesa, a instalar uma empresa afiliada no Rio de Janeiro, o que veio a ocorrer, através de associação com o livreiro lusitano Francisco Luís Caldas e Souza, já estabelecido na cidade, na Rua dos Latoeiros (atual Gonçalves Dias). Da representação de Bossange foi encarregado seu ex-empregado Eduard Laemmert, que se deslocou para o Brasil, formando-se assim a firma Souza, Laemmert & Cia. (Berger, 1984: 20), em 1828⁴. Nesse mesmo ano, anunciam-se, pela primeira vez, em 11 de abril, no *Jornal do Commercio*: “Souza, Laemmert & C., sócios de P. P. Aillaud (*sic*) e H. Bossange de Pariz. Na Rua dos Latoeiros, nº 88, vendem obras francesas modernas, de filosofia, administração, artes, ciências, poesias” (Renault, 1969: 75).

O contrato da empresa expirou em 1833, tendo Eduardo Laemmert iniciado, a partir daí, uma trajetória notável como impressor-editor no Brasil. Entretanto, a firma, a partir de então com a denominação Souza & Cia., continuou no mesmo local, seguindo com a representação da Aillaud⁵.

Cooper-Richet afirma que é na década de 1840 que “Aillaud dá ênfase a este segmento específico do mercado do livro” – o dos livros lusófonos –, pois são várias as seções dedicadas aos livros em português, como: “Livros clássicos adotados nas escolas de Portugal e do Brasil”, e que, em 1842, foi publicado um “Catálogo dos livros portugueses e latinos publicados em Pariz par Jean-Pierre Aillaud”, contendo vinte páginas. Saindo do período estudado por Vítor Ramos, a análise feita por Cooper-Richet incluiu o *Catálogo dos livros Portuguezes, Latinos, Francezes, Inglezes*. Paris, em Casa da Va. Jean-Pierre Aillaud-Monlon, de 1860, no qual se registra que a empresa é de “Livreiros de suas Majestades o emperador do Brazil e el Rei de Portugal”. Os catálogos seguintes, nas décadas de 1860 e 1870, aumentam de tamanho, chegando a ter de 50 a 70 páginas, mostrando

4 Cooper-Richet (2009) localizou nos Archives de Paris documento que registra o ato de fundação da sociedade em 6 de abril de 1827.

5 Ramos (1972: 37), em nota, registra o interesse especial da casa pelo mercado brasileiro: “Em 1834, Aillaud anuncia: No Rio de Janeiro, em casa de Sousa & Cia., sem dar o nome de nenhum livreiro português.”

a ampliação do mercado lusófono e a crescente especialização da livraria parisiense nesse segmento. A partir de 1890 a empresa instala uma filial em Lisboa, na Rua do Ouro (Guedes, 1987: 42).

A antiga afiliada da Aillaud no Rio de Janeiro, Livraria Souza & Cia., encerrou suas atividades em 1854, no mesmo endereço (Berger, 1984: 20). Será também nesse ano que Nicolau António Alves, na mesma rua, no número 54 (ao lado da loja que fechou), iniciará as atividades de sua Livraria Clássica. Contava então com 27 anos. Português, chegara ao Rio de Janeiro em 1839, com 12 anos incompletos (Bragança, 2004: 3). Pode-se imaginar que a escolha do local não tenha sido mero acaso, e até supor que Nicolau possa ter aprendido o ofício na livraria de Francisco Souza e já ali tenha tido contato com a Aillaud e suas edições. Mas isso são ainda suposições.

Francisco Alves de Oliveira, sobrinho de Nicolau, chegou ao Rio de Janeiro, no primeiro mês do ano de 1863, com 15 anos incompletos. Tio e sobrinho faziam parte de um processo de emigração que levou milhares de portugueses jovens alfabetizados da província do Minho a partirem para o Brasil, sem a família, com o objetivo de fazer carreira por seu próprio esforço, numa economia de maior dinamismo que a portuguesa (Leite, 2000: 187).

Com ‘carta de chamada’ do tio, Francisco Alves veio para trabalhar na Livraria Clássica. Paralelamente, prosseguiu os estudos no Colégio Vitório (Abreu, 1977: 58-59), situado também na Rua dos Latoeiros, no número 46, mas não há notícia de que tenha conseguido bacharelar-se⁶. Lá, provavelmente, conheceu o professor Theophilo das Neves Leão, secretário da Inspeção Geral da Instrução Primária e Secundária do Município da Corte, em 1868, que viria a ser um de seus grandes amigos e colaborador desinteressado em sua atividade editorial e livreira.

Francisco Alves, em 18 de agosto de 1868, cinco anos após sua chegada ao Brasil, já havia estabelecido um contrato com seu tio, que lhe dava algum “interesse” na casa⁷. Em 1873, porém, estabeleceu-se por conta própria, com o negócio de livraria, na Rua São José, 126 (depois passou

6 O Colégio Vitório era, em 1867, o segundo estabelecimento particular do sexo masculino em número de alunos. O primeiro era o Colégio Gratuito do Mosteiro de S. Bento.

7 Foi revogado somente em 1882, na cláusula 12 do contrato de formação da sociedade Alves & Cia., sucessora de Nicolau A. Alves.

ao 118), também no centro do Rio de Janeiro⁸. Dessa época, localizamos nos arquivos da editora o rascunho de uma carta manuscrita por Francisco Alves, dirigida aos livreiros-editores parisienses: “Ilmos. Srs. Va. Aillaud, Guillard & Ca. Rua Saint-André des Arts, 47 – Pariz”, em que afirma:

Sei por experiencia propria que a casa de V.Sas. é digna de toda a confiança. Esta experiencia adquiria [sic] eu em casa de meu tio o Sr. Nicolau A. Alves em cuja casa fui empregado durante alguns annos. Fiado, pois, na probidade de V. Sas., remetto junto a presente carta um pedido de livros acompanhado de uma letra do valor de [em branco no rascunho]. Espero que me façam os mesmos abatimentos que têm feito a meu tio. Quanto ás encadernações mantem-n’as [sic] eguaes às que costumam mandar para elle. Não tenho tempo para fazer o calculo da importancia do meu pedido; pode ser que a quantia saccada não seja sufficiente, n’este caso, quando o numero de exemplares pedidos exceder a 6 pode V. Sa. reduzi-lo a metade. Fico descançado quanto à brevidade da remessa por que conto com a actividade V. Sas.

Queiram ter a bondade de me mandar catalogo de livros ainda que seja per-ciso pagalos [sic], e tomar-me uma assignatura da Bibliographie de la France que me deve ser mandada pelo correio com o endereço [sic] a Franco. Alves d’Oliveira, Rua de S. José, 118 / Placa. / Rio de Janeiro. / De V.Sas. / atto. V. S. Cro. / Francisco Alves d’Oliveira.⁹

Essa experiência de Francisco Alves como livreiro independente durou pouco tempo. Em 1877 encerrou a livraria e voltou para Portugal. Segundo o historiador Capistrano de Abreu (1977: 58-59), seu objetivo era visitar em Paris a Exposição Universal de 1878 e correr parte da Europa. Seu retorno ao Brasil se deu para retomar o trabalho na Livraria Clássica, como sócio de “indústria”. Em 1882, já com participação de capital na sociedade, assume a gerência. A empresa passa a ter nova denominação, Alves & Cia. No ano seguinte, aumenta sua participação no capital da empresa e assume

8 Cf. *Almanack Laemmert*, Rio de Janeiro, 1873, 1874 e 1875, que dá a indicação pelo nome do titular.

9 As margens do papel se deterioraram, perdendo-se pequena parte do texto, que inclui o último algarismo do ano da data, que deverá ser 1874 ou 1875, pois nesses anos o registro da loja de Francisco Alves no *Almanack Laemmert* aparece com o endereço indicado.

plenamente sua direção, embora o tio Nicolau Alves mantenha, ainda, a parcela maior de capital (aproximadamente 57%). Em 9 de julho de 1883, Francisco Alves de Oliveira, solicita ao Imperador a cidadania brasileira, que lhe é concedida nesse mesmo ano (Bragança, 2004).

Demorou 16 anos para que Francisco Alves pudesse assumir a plena propriedade da empresa que dirigia, o que ocorreu em 13 de setembro de 1897, quando comprou a parte do tio e foi feito o distrato¹⁰ da firma Alves & Cia., que passou a ter na denominação apenas o nome de seu proprietário: Livraria Clássica, de Francisco Alves, que iria progressivamente ser conhecida apenas como Livraria Alves.

No ano anterior, Francisco Alves tinha instalado filial em São Paulo. Sua inauguração contou com a presença das maiores autoridades do estado e de figuras importantes da intelectualidade brasileira, e também do representante da editora francesa Aillaud, que foi saudado de forma destacada, inclusive na imprensa (Deaecto, 2004; Razzini, 2004). A filial de São Paulo marca o ingresso na sociedade, como sócio minoritário, do então jovem engenheiro Manuel Pacheco Leão, filho de seu dileto amigo Theophilo das Neves Leão.

Em 12 de outubro de 1897, Francisco Alves transferiu a sede da livraria no Rio de Janeiro para a Rua do Ouvidor, 134 (na época chamada de Rua Moreira César). Durante todo esse tempo, as relações de Francisco Alves com a Aillaud se mantiveram e estreitaram. O catálogo da Livraria, de 1895, pouco antes de Francisco Alves ter assumido completamente a propriedade da empresa, ainda Alves & Cia., é encimado pelo título: Casa de Comissões de Guillard, Aillaud & Cia. A parceria de Alves e Aillaud, além das trocas comerciais de livros brasileiros para Paris e franceses para o Brasil, incluía a execução de serviços gráficos na empresa francesa para a produção dos livros da congênera brasileira, inclusive os escolares. A qualidade dos serviços era superior à média alcançada no Brasil, mantendo-se certa tradição iniciada pelos irmãos Garnier. Além disso, a quantidade de edições da Francisco Alves era grande e a tiragem alta para os padrões brasileiros da época, alcançando mais de 20 000 exemplares nos livros didáticos para o nível primário.

10 Escritura registrada no livro 33 de notas, fls. 43 verso, do Cartório do 8.º Ofício de Notas do Rio de Janeiro, de Antonio Herculanô da Costa Brito, em 13 de setembro de 1897.

Após a inauguração da nova sede da matriz, no Rio de Janeiro, Francisco Alves resolveu anexar a empresa que criara em São Paulo. Com a fusão surgiu a Francisco Alves & Cia., em 5 de janeiro de 1903. A denominação de fantasia passará a ser Livraria Francisco Alves. A seguir, abriu uma filial em Belo Horizonte, nova capital do estado de Minas Gerais, e adquiriu mais de uma dezena de livrarias editoras brasileiras, no Rio de Janeiro e São Paulo (Hallewell, 2005: 285), incorporando ao seu catálogo os respectivos fundos editoriais, incluindo o da Laemmert, no qual se destacava o livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha (Bragança, 1997), um dos maiores clássicos da literatura e do pensamento social brasileiros.

Na França, a Aillaud havia tido grande desenvolvimento como editora de dicionários e manuais escolares da língua portuguesa. É ela que publicará os vários dicionários de José da Fonseca e de José Inácio Roquete, desde 1829. Segundo Telmo Verdelho (2002), na fase que chama de “democratização e escolarização do dicionário”, a partir do início do século XIX, houve transferência de sua produção para a França, “procurando provavelmente suprir a ausência de recursos tipográficos suficientes para corresponder em Portugal à crescente solicitação deste gênero de textos”, circunstância, afirma, coincidente com a presença em Paris “de alguns dos mais operosos dicionaristas portugueses”, fazendo surgir os “decisivos modelos de dicionários práticos” de Roquete e José da Fonseca, publicados pela Aillaud. Destaca ainda o *Dicionário da Língua Portuguesa* (1929), de Fonseca, como a “obra mais divulgada da lexicografia parisiense (...), [sendo] referência modelo dos dicionários práticos, escolares” (Mollier, 2008: 134). A editora Aillaud inseriu-se claramente no chamado “século dos dicionários”, quando “os livreiros escolares e universitários foram os primeiros (...) a aproveitar o progresso da alfabetização para aumentar o número de compêndios disponíveis ao público jovem” (*ibidem*).

Além de dicionários, a Aillaud publica, desde o início da década de 1830, vários manuais de ensino da língua portuguesa, dos quais destacamos *Grammatica analytica da lingua portugueza, offerecida à mocidade estudiosa de Portugal e do Brazil*, de Francisco Solano Constancio, em 1831, *Alphabete portuguez. Novo methodo para aprender a ler com muita facilidade e em mui ponto tempo, tanto a letra redonda como a manuscripta*, de J. I. Roquete, em 1836. O ensaio de Batista (2002) inclui um dos sete títulos publicados em português para aprendizado de leitura manuscrita como edição da

Aillaud. Muitas dessas obras foram reeditadas no Brasil pela Francisco Alves. Desde o tempo da Livraria Clássica, de Nicolau Alves, começaram a ser publicados aqui os livros José Inácio Roquete (1801-1870), assim como os José da Fonseca (c. 1788-1866)¹¹. Foram também publicados pela Aillaud, durante a primeira metade do século XIX, livros religiosos, maçônicos – novelas, como *Historia de Simão de Nantua, ou o Mercador de Feiras*, de M. de Jussieu (1830, 1834, 1837 e 1839) –, poesias – *Colecção d'epístolas eroticas e philosophicas* (1834) -, etc. (Ramos, 1972).

Depois de mais de trinta anos sendo um grande parceiro comercial, como cliente e representante no Brasil, em 1907, Francisco Alves iniciou sua expansão para a Europa, adquirindo parte da Aillaud, que era então editora, livraria e tipografia, formando a empresa Aillaud, Alves & Cia. Após firmarem a associação na empresa francesa, Francisco Alves e Júlio Monteiro Aillaud adquiriram, em 1910, a centenária Livraria Bertrand, de Lisboa, formando inicialmente uma nova empresa, a Aillaud, Alves, Bastos & Cia. Fundada em 1732, esta livraria manteve-se nas mãos da família Bertrand até 1876, quando foi vendida para Augusto Saraiva de Carvalho e José Fontana, que formaram a empresa Carvalho & Cia., de curta duração. Em 1880, Carvalho admitiu como sócio Mendonça Cortês, que acabará ficando como único proprietário após o falecimento do primeiro, em 1882. Já então conhecida como “Antiga Casa Bertrand”, seus negócios “definham” e, para evitar seu fechamento, foi vendida a um antigo funcionário, José Bastos, que conseguiu, em poucos anos, dar-lhe grande dinamismo, chegando a ter mais de 1200 títulos em catálogo em 1907 (Guedes, 1987: 41-42). Quando da formação da nova firma, José Bastos foi mantido na sociedade, mas por breve período.

Pouco tempo depois, um dos maiores escritores e jornalistas portugueses, Carlos Malheiro Dias, no prólogo à apresentação crítica do novo livro do escritor brasileiro Olavo Bilac, *Conferências literárias*, editado pela Francisco Alves em 1912, dá um testemunho da importância que percebe na associação entre Aillaud e Francisco Alves para o desenvolvimento da literatura lusófona:

11 Ver: Acervo bibliográfico da Francisco Alves. Disponível em www.uff.br/lihed. Acesso em 25/11/2014.

A interferência dominadora da casa Aillaud e da casa Francisco Alves nos negócios da secular livraria Bertrand ia preparar á producção litteraria portu- gueza um novo período, ampliando-lhe a area de expansão, garantindo-lhe a difusão no mercado brasileiro e realizando pelos únicos meios producentes das relações commerciaes essa hegemonia litteraria entre a America portu- gueza e a metrópole, que nunca passára até hoje, por falta de um afinado instrumento de execução mercantil, de uma aspiração inconceptivel. (Dias, S/D: S/P)

A seguir, o jornalista faz uma apresentação dos editores responsáveis pela transformação então em processo na Livraria Bertrand:

O que é, como administrador, Julio Monteiro Aillaud, muitos em Lisboa o sabem. Elle é a *avis rara* de um editor diplomado e erudito, apaixonado pelas artes, conhecendo o seu *métier* como um profissional, capaz ao mesmo tempo do trabalho beneditino de composição de um dicionario e da tarefa, tão exigente de energias, que representa a administração de um estabelecimento industrial de complexíssima engrenagem, como são as vastas officinas, depó- sitos e escriptorios do *boulevard* Montparnasse, de Paris.

Mas se muitos conhecem Aillaud, raros são os que conhecem Francisco Alves, a quem um escriptor brasileiro chamou “o rei do livro”.

Português de nascimento, esse pequeno grande homem, que tem hoje nas suas mãos laboriosas a maior parte da producção pedagógica e litteraria do Brasil, é o modelo d’essas qualidades de perseverança, de intuitiva intelligência, de integra honradez e de infatigável energia a que o commercio portuguez da America deve sua prosperidade. (...)

Póde sem receio de exagero asseverar-se que, muito mais que todos os frágeis potentados acadêmicos e litterarios, este homem de negocios, amigo generoso de todos os grandes escriptores brasileiros, é a alma activa, inquebrantável, d’essa aspiração de hegemonia litteraria entre as duas nações e que só elle poderá encaminhal-a para a viabilidade (...). (*Ibidem*)

Em 1911, as edições da Francisco Alves em parceria com Aillaud, Alves & Cia, majoritariamente de autores brasileiros e portugueses, já apareciam tendo, na folha de rosto, lado a lado, os créditos a Francisco Alves & Cia. (com sedes no Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte) e a Aillaud,

Alves & Cia. (sem Bastos), com sedes em Paris (Livraria Aillaud) e Lisboa (Livraria Bertrand).

Ressalve-se que a empresa brasileira não se alterou em sua composição societária, mantendo-se em poder de Francisco Alves, com a participação minoritária de Manuel Pacheco Leão. Assim, pode afirmar-se que é, em parte, um equívoco a percepção dessa associação feita por Fernando Guedes, quando afirma que “Júlio Aillaud iria trazer de novo para a Bertrand a dimensão internacional que de certo modo a caracterizara nos seus primórdios, mas agora – e pela primeira vez na história da casa – atravessando o Atlântico e criando tentáculos no Brasil”, chegando a colocar os endereços das livrarias de Francisco Alves no Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte para indicar onde chegavam esses “tentáculos” (Guedes, 1987: 42). Está certo quando percebe a associação como uma nova “dimensão internacional” que a casa passa a ter, simbolizada pela atuação de seus proprietários também na França e no Brasil; mas se há “tentáculos” eles partem do Rio de Janeiro para a Europa e não o contrário. A cabeça das empresas está no Brasil.

Francisco Alves, buscando consolidar sua presença em Portugal, adquiriu também a antiga casa David Corazzi, tradicional editora que mereceu acurado estudo de Manuela Domingos (1985: 21ss), especialmente pela sua iniciativa de criar a coleção “Biblioteca do Povo e das Escolas”, breves folhetos, editados em grandes tiragens e distribuídos por todo o país e então colônias portuguesas, além do Brasil. Em consonância com o que Mollier (2008 & 2010) chama de uma “revolução cultural silenciosa”, esta coleção fez chegar material impresso a áreas pouco afeitas ou recém incorporadas às práticas da cultura letrada, em estratégia de vendas que ia muito além das livrarias, com uma capilaridade que alcançava áreas socioculturais “periféricas” das cidades e também o interior dos países, em pequenas vilas, colocando ao alcance de todos, onde houvesse chegado a imensa fome de saber e a vontade de aprender despertadas pelos “novos tempos”. Ficava assim ao alcance dos olhos e das mãos e, também de seus bolsos, livros de pequeno custo, com breves condensações temáticas de conhecimentos atualizados, que iriam criar oportunidade para transformações nas mentalidades e nas práticas sociais.

Segundo Domingos (1985: 90), em virtude de “agravamento da doença pulmonar”, David Corazzi, em 1888, vendeu a editora, cujo nome de

fantasia era “Empresa Horas Românticas”, a um grupo capitaneado por Justino Guedes, já proprietário de oficinas tipográficas, formando-se então a Companhia Nacional Editora, que posteriormente se transformaria em sociedade anônima com o nome de A Editora (Domingos, 1985: 65-66). Em 1908, Francisco Alves adquiriu o controle da sociedade¹², quando, ainda em Portugal, dá notícia ao sócio Manuel Pacheco Leão¹³, em carta manuscrita, datada de 15/11/1908, onde afirma: “Tenho trabalhado muito aqui pela nossa Casa e creio ter feito um bom negócio com A Editora, porque ficamos com o 1º estabelecimento editorial de Portugal em nossas mãos, como lhe expliquei em minha carta pelo vapor inglez”¹⁴. Embora sem as bases da negociação, este documento epistolar é importante para se conhecer como Francisco Alves percebia sua atuação como empresário e como entendia as razões para o sucesso de sua editora, especialmente em relação com o concorrente direto no Brasil, a Garnier, quando afirma:

Mas minha maior coragem não foi nenhuma destas aqui referidas, mas conservar o preço das edições da casa, feitas e contratadas a câmbio de 27, quando o câmbio deceu [*sic*] a 6 e menos. (...) O grrrrraande [*sic*] Garnier aumentou o preço de alguns livros para quasi do [*sic*] dobro.

Francisco Alves, em depoimentos de contemporâneos, aparece associado à redução dos preços dos livros escolares, à qualidade de acabamento gráfico de suas edições, além de lhe ser reconhecida a honestidade e a prodigalidade com que pagava os direitos autorais (Bragança, 2000).

A aquisição do controle da sociedade anônima A Editora, por Francisco Alves, ainda teria desdobramentos. Segundo Domingos (1985: 66ss), a empresa aparece, em 1912, transformada em “A Editora, Ltda.” e, “nesta fórmula”, pelas mãos de Clarimundo Victor Emilio – conhecido dentista da época e genro de Justino Guedes – (...) desaparece, vendendo todos os fundos editoriais e propriedade literária a Francisco Alves, coproprietário da famosa Bertrand, à data ‘Aillaud, Alves & Cia’”.

12 Deve-se registrar que A Editora detinha os direitos em português da obra de Júlio Verne, um escritor com imenso público também em Portugal e no Brasil, onde passou a ser editado pela Francisco Alves.

13 Ver Bragança, 2004.

14 Esta carta, infelizmente, está perdida.

Refere-se ainda ao *Catálogo* de A Editora, de 1913, já sob o novo controle, onde estão reproduzidas duas cartas comunicando a transação feita em 9/11/1912, indicando inclusive o Cartório onde se registrou o documento de compra e venda.

É ainda Domingos que nos dá testemunho sobre a outra editora adquirida por Francisco Alves em Lisboa, a “Biblioteca de Instrução Profissional”, inserindo-a dentro do mesmo espírito da iniciativa de David Corazzi, com sua Biblioteca do Povo e das Escolas, embora num tempo diferente e tendo como alvo um novo público:

Thomaz Bordallo Pinheiro com um grupo de professores do ensino industrial, técnicos e profissionais de diversos sectores lançou, em 1904, estes *Manuais de Operário* que viriam a ser considerados os melhores do género. Publicando-se, inicialmente, em fascículos – que depois se agrupavam para constituir um volume – a “Biblioteca de Instrução Profissional” veio a abandonar a fórmula em favor da edição em volumes completos (alguns duplos); os preços situavam-se nos 200 réis (ou 400). Saíram, no total, 60 volumes abrangendo uma amplíssima gama de ciências-base: Física, Química, Mecânica, Geometria, etc.; tecnologias, indústrias da alimentação, cerâmica, tecelagem, etc.; construção civil, naval, desenho de máquinas, ornato, modelação, topografia, metalurgia, caldeiras, cimento...; manuais de ofícios como: maquinista, fundidor, serralheiro, piloto, tipógrafo. A este elenco notável não faltou também um vocabulário tecnológico em três línguas.

Grande Prémio na Exposição do Rio de Janeiro de 1908 a colecção teve o mérito de fornecer textos para as escolas industriais e comerciais, exército, marinha, etc., continuando a ação pioneira da BPE nesses domínios, adaptando-se às exigências da formação profissional de quadros técnicos médios que o país requeria. Não concorrente com a BPE, mas herdeira actualizada do seu espírito. (Domingos, 1985)

A aquisição desse fundo editorial, que obteve grande sucesso também no Brasil, está registrada no catálogo de 1913 de A Editora, que o inclui. Tais fundos foram transferidos por Francisco Alves para a nova empresa que formou em sociedade com Júlio Monteiro Aillaud, passando a constituir posteriormente o catálogo da Aillaud, Alves & Cia.

A sociedade durou poucos anos, até 1917, quando precocemente a morte interrompeu o sonho de Francisco Alves. Por testamento e sem herdeiros obrigatórios, Alves deixou toda a sua imensa fortuna, em bens imóveis, títulos e créditos, além de suas empresas no Brasil e na Europa, à Academia Brasileira de Letras. Por causa de diversos questionamentos ao testamento, inclusive os feitos por seus sobrinhos residentes no Brasil, o processo de incorporação desses bens ao patrimônio da instituição foi demorado, e, mais ainda, a busca de uma solução jurídica para a venda dessas empresas, pois havia uma contradição entre a disposição testamental de proibição da venda e os estatutos da ABL, que não lhe permitiam ser proprietária de empresas.

Entretanto, Júlio Monteiro Aillaud prosseguiu com suas atividades à frente das Livrarias Aillaud, em Paris, e Bertrand, em Lisboa. Em reconhecimento à sua atuação, mereceu verbete elogioso na *Grande Enciclopédia Luso-Brasileira* (sem data, vol. I: 679):

AILLAUD, Júlio Monteiro. Editor e publicista português, de origem francesa, que foi um dos mais prestimosos e cultos industriais e comerciantes do ramo, na sua época. Foi o grande animador da famosa Livraria Aillaud & Bertrand, do Chiado, centro intelectual de Lisboa. (...) Tendo freqüentado a Sorbonne, onde obteve o título de bacharel em Letras, foi autor, só ou em colaboração com distintos professores e literatos portugueses, de obras didáticas de mérito, em que o seu nome aparecia reduzido a J. Monteiro.

Júlio Monteiro Aillaud faleceu em Paris, em 1927. Foi sucedido por sua filha Germaine Gabrielle Cecile Aillaud, que formou uma nova sociedade, com João Lopo d'Eça, que durou até 1930, quando Germaine se associou aos livreiros Lellos, do Porto, formando-se, em 1931, a sociedade Aillaud & Lellos, com livraria em Lisboa, na Rua do Carmo; Lopo d'Eça, que ficara com o tradicional ponto da Bertrand, logo perdeu o controle, nesse mesmo ano, para Artur Brandão, sócio da casa desde os tempos de José Bastos. Posteriormente, em 1933, forma-se uma sociedade anônima – Livraria Bertrand S.A.R.L., cujo controle, em 1942, é adquirido pelo livreiro francês Marcel Didier e, sob a sua égide – e gestão do francês George Lucas (1948-1975), segundo Fernando Guedes –, a firma “conheceu o seu máximo desenvolvimento e apogeu, transformando-se na maior

distribuidora de livros e periódicos estrangeiros, abrindo livrarias por todo o país e mantendo a editora a um nível invejável” (Guedes, 1987: 43)¹⁵.

A editora Francisco Alves, ainda como Livraria Clássica, iniciou-se com a publicação de livros escolares. Sob a gestão de Francisco Alves, que lançou as bases modernas da edição escolar no Brasil, publicou mais de 500 títulos, em diversificado catálogo, que, além do livro didático, incluía literatura (publicou muitos autores portugueses, tendo sido mesmo detentor universal dos direitos da obra de Alexandre Herculano), direito, livros técnicos, manuais universitários, culinária, religião, divulgação científica etc.

Entretanto, foi sua dedicação à causa da educação, seu eros pedagógico, que marcou sua atuação, inclusive como autor de vários manuais de ensino de línguas e de um famoso atlas de geografia para o ensino escolar, elaborado com Júlio Monteiro Aillaud. Esta parceria abriu também aos editores novos horizontes para a expansão das literaturas brasileira e portuguesa e da lusofonia.

Francisco Alves recebeu, postumamente, várias homenagens no Brasil. Em 1942, o prefeito do antigo Distrito Federal, Henrique Dodsworth, pela Resolução n. 4, “Resolve criar e instalar à Rua da Passagem, 104, a escola 11-4, que se denominará Francisco Alves”, que existe hoje como “Escola Municipal Francisco Alves”, na Travessa Pepe, n.º 77, em Botafogo, no Rio de Janeiro. Existe, também, no bairro da Tijuca, a Rua Livreiro Francisco Alves.

Em 1954, o centenário da Livraria Francisco Alves foi marcado por grandes comemorações, com muitos registros na imprensa e rasgados elogios ao editor e a seu sucessor, Paulo de Azevedo. Os novos dirigentes publicaram um catálogo com as edições da casa, desde a fundação, que atingiam, sem incluir as reedições, a marca invejável de cerca de 1200 títulos.

Ambos, Júlio Monteiro Aillaud e Francisco Alves tiveram reconhecimento inegável como grandes editores, mas sua importância como mediadores entre culturas e países diferentes, em favor da lusofonia, é ainda um desafio aos pesquisadores, na França, Portugal e Brasil. Este artigo busca despertar esse interesse.

15 Guedes registra que, com a Revolução dos Cravos, em 1974, George Lucas foi forçado a abandonar o Conselho de Administração da Bertrand, tendo regressado a Paris, onde assumiu cargo similar na Casa Larousse.

Referências

- ABREU, C. de (1977). *Correspondência*, v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/Brasília: MEC/INL.
- ABREU, M. (2010). Duzentos anos: os primeiros livros brasileiros. In Bragança, A. & Abreu, M. *Impresso no Brasil. Dois séculos de livros brasileiros* (pp.41-65). São Paulo: Editora da Unesp/Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional.
- BATISTA, A. A. G. (2002). Livros de leitura manuscrita: elementos para a história de um manual escolar. Texto apresentado no encontro do NP Produção Editorial. *XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Salvador (BA). São Paulo: Intercom.
- BASTOS, L. M. (1993). Comércio de livros e censura de idéias: A actividade dos livreiros franceses no Brasil e a vigilância da Mesa do Desembargo do Paço (1795-1822). *Ler História*, 23 (61-78).
- BERGER, P. (1984). *A tipografia no Rio de Janeiro – Impressores bibliográficos, 1808-1900*. Rio de Janeiro: Cia. Indl. de Papel Pirahy.
- BESSONE, T. (2002). Livreiros. In Vainfas, R. (dir.). *Dicionário do Brasil Imperial (1811-1889)* (pp. 484-487). Rio de Janeiro: Objetiva.
- BRAGANÇA, A. (2004). A Francisco Alves no contexto da formação de uma indústria brasileira do livro. *I Seminário Brasileiro Livro e História Editorial (I Lihed)*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa/UFF. Disponível em: <http://www.lihed.uff.br>. Acesso em 25/11/2014.
- BRAGANÇA, A. (2004). Francisco Alves, uma editora sesquicentenária (1854-2004). Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2004/resumos/R0631-1.pdf>. Acesso em 28/7/2010.
- BRAGANÇA, A. (2001). *Eros pedagógico. A função editor e a função autor*. Tese de doutoramento. Programa de Pós-graduação em Comunicação. Universidade de São Paulo: Escola de Comunicações e Artes.
- BRAGANÇA, A. (2000). A política editorial de Francisco Alves e a profissionalização do escritor no Brasil. In Abreu, M. (org.). *Leitura, história e história da leitura* (pp. 451-476). Campinas: Mercado de Letras
- BRAGANÇA, A. (1997). *Revisões e provas. Notas para a história editorial de Os Sertões de Euclides da Cunha*. São Paulo: USP/Escola de Comunicações e Artes, 1997. Disponível em www.lihed.uff.br. Acesso em 25/11/2014.
- COOPER-RICHET, D. (2009). Paris, capital editorial do mundo lusófono na primeira metade do século XIX?. *Vária História*, Belo Horizonte, vol. 25, n° 42 (539-555).

- CURTO, D. R., Domingos, M. D., Figueiredo, D. & Gonçalves, P. (2007). *As gentes do livro. Lisboa, século XVIII*. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- DIAS, C. M. (CMD). As Conferências Literárias de Olavo Bilac (Aillaud, Alves & Ca. Editores. Paris, Rio de Janeiro, Lisboa). Publicado em *Jornal de Lisboa*, não identificado, assim como sua data, constante do “Livro de Recortes” do arquivo da Livraria Francisco Alves.
- DOMINGOS, M. D. (2002). *Bertrand, uma livraria antes do Terramoto*. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- DOMINGOS, M. D. (2000). *Livreiros de Setecentos*. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- DOMINGOS, M. D. (1985). *Estudos de sociologia da cultura; livros e leitores do século XIX*. Lisboa: Instituto Português de Ensino à Distância.
- GRANDE *Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (s/d) Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, vol. I.
- GUEDES, F. (1987). *O livro e a leitura em Portugal. Subsídios para a sua história, séculos XVIII-XIX*. Lisboa/São Paulo: Verbo.
- HALLEWELL, L. (2005). *O livro no Brasil. Sua história*. São Paulo: Edusp.
- LEITE, J. da C. (2000). O Brasil e a emigração portuguesa (1855-1914). In Fausto, B., (org.). *Fazer a América. A imigração em massa para a América Latina* (pp. 177-200). São Paulo: Edusp.
- MOLLIER, J.-Y. (2010). *O dinheiro e as letras. História do capitalismo editorial*. São Paulo: Edusp.
- MOLLIER, J.-Y. (2008). *A leitura e seu público no mundo contemporâneo*. Belo Horizonte: Autêntica.
- RAMOS, V. (1972). *A edição de língua portuguesa em França (1800-1850)*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian.
- RENAULT, D. (1969). *O Rio antigo nos anúncios de jornais. 1808-1850*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- SARAIVA, J. A. (1979) *Bertrand – A história de uma editora*. Lisboa: Bertrand.
- VERDELHO, T. (2002). Dicionários portugueses. Breve história. In Nunes, J. H. & Petter, M. (org.). *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro* (pp. 15-64). São Paulo: Humanitas (FFLCH/US)/Pontes.